

PAI ILSON: Bom, meu nome é Ilson de Jesus Lima. Nasci na cidade de Florianópolis no dia 11/01/1944, por um erro que era para ser 45. Está então oficialmente eu tenho 79 anos, mas biologicamente eu tenho 80, certo? O que tu perguntou mais?

CAROL: Não, era isso... E atualmente o senhor mora onde?

PAI ILSON: Eu moro aqui no loteamento. No bairro Areias, no loteamento Dona Adélia a desde julho de 1985. Em 1986, nós começamos a funcionar. Começou a funcionar o centro de Umbanda Vovó Congo cambinda da África. Aqui é que é uma homenagem. Ao meu preto velho que foi o idealizador dessa casa. A casa tem como regente Xangô das 7 pedreiras e Iansã da Cachoeira, o guia da casa é o caboclo da Serra Negra e o Exú da casa é o Exú das 7 encruzas.

CAROL: Certo, e aí, como é que foi essa trajetória do senhor ate se tornar Zelador de Santo ?

PAI ILSON: Eu sou zelador de Santo... Eu entrei na umbanda em julho de 1961, Eu fiz os meu cruzamento em 1963. Então dali. Ao primeiro centro que eu dirigi, que eu tive que dirigi, foi o centro de umbanda **Alafia**. No bairro procasa, hoje Santos Dumont, certo? Lá eu fui feito Babalorixá em 21, em 27/01/1977. A vida nossa, como eu disse, nós viemos para cá em 1980, em 85, e é aqui fundamos um centro de Umbanda. É aqui que mudamos de nome, que foi o centro de Umbanda Vovó Congo Cambinda da África. em Campinas Nós temos um conjunto de hoje. Temos um conjunto de 8 babalorixás. É, são 6 Iyalorixás e 2 babalorixás. Temos 2 pai pequeno, um casal de pai pequeno e temos uns 8 oborizados.

AISHA: O senhor tem familia aqui?

PAI ILSON: Eu moro aqui com a minha família, com a minha esposa, que é a Maria Lapa, a quem devo tudo certo hoje, se nós estamos aqui conversando Eu devo a ela tudo isso aí foi ela que foi ela que me dou toda a força até chegar aqui para mim chegar a zelador de Santo, apesar de ser zelador do Santo desde 1973. E a primeira casa que nós criamos, abril, foi 1973 , depois em 87 nós a 86 nós fizemos a casa e nessa paz e foi a ela que eu devo. A minha esposa Maria Lapa, caboclo de Tupirani, a Vovó Catarina das Almas e a Vovó Luiza, então foram as 5 pessoas que me impulsionaram, que me deram a chance de para estar hoje nessa casa

WILL: A familia do senhor ja era da Umbanda?

PAI ILSON: Não. Ah, eu entrei na umbanda por um acaso. Até por uma sugestão, não é? Eu era nessa época, estava com 17 anos, não é? É 17 anos. E aí quando chegou lá na história toda, que por um acidente que hoje a gente foi descobrir que era anemia que eu tinha, não tinha nada de espírito. E aí eu fui e acabei entrando no centro da dona Lídia, que era mãe de santo, não sei se vocês ouviram falar... Foi mãe, era mãe do do pai Leco. E aí eu comecei ali o meu primeiro pai de Santo foi Valmor e a minha primeira mãe de Santo foi a dona Lídia. E depois o que fez meu babalorixá final foi o José do Lirio Teles, o pai Teles. A ele devo tudo que sei sobre a Umbanda.

WILLIAM: E essa primeira casa, da Mãe Lidia, ela era Almas de Angola?

PAI ILSON: Não, não. Que a Almas de Angola nós vemos. Eu fui conhecer Almas de Angola, Já em 73, quando eu quando eu conheci o pai Teles, que eu tive, porque o meu meu objeto de consumo

era a dona mãe Malvina. Eu fazia tudo para ficar lá, mas por coincidência não deu. E aí eu conheci o pai Teles, na década de 72 ou 73. Ficamos lá, foi muito difícil a minha adaptação, porque eu não sabia nada de feitura. Tanto que quando eu fui conhecer o que eu era regido por Xangô e Iansã na casa do Pai Teles, que eu não tinha nada. A única coisa que eu vi que fizemos lá na dona Lídia, foi o cruzamento. Isso em 63. E depois não teve mais nada, quando eu cheguei lá no Pai Teles. Em 72, na década de 70, chegamos lá e eu já entrei como o pai pequeno, **porque cruzamento** significava o pai pequeno. E aí, fiz obrigação de pai pequeno em 1972 ou 73 e em 77, janeiro de 77 eu fiz a minha obrigação de Babalorixá, mas antes disso eu já tinha aberto a casa de umbanda, **Alafia**. O meu primeiro médium desenvolvido foi o Osvaldir. Hoje ele não está mais na umbanda, mas a nossa primeira casa foi muito bonitinha, porque ele era baixinho, assim que nem ele era baixinho. Que ele, quando ele ia salvar o santo, ficava com o pé para a rua. De tão grande que era a casa, isso lá pra década de 70 ou 72.

WILLIAM: Uma pergunta, quando o senhor estava na casa do Pai Teles era antes ou depois de conhecer a Mãe Malvina?

PAI ILSON: Depois de conhecer a Mãe Malvina, como eu disse, era o meu objeto de desejo, né? Eu sempre quis. Eu trabalhei um pouco lá com ela. Foi lá que eu conheci o meu Vovó Congo Cambinda da África. Foi lá que eu conheci, eu já trabalhava com ele, mas não conhecia ele. É lá que eu conheci O Seu Pagão, que é o meu Exu guia. E no Pai Teles, é que eu fui conhecer quem era mesmo meu regente.

CAROL: E onde que ficava esse centro da Mãe Malvina?

PAI ILSON: Ali, lá no bairro da, ali na Coloninha, na Coloninha né? O centro da Dona Malvina foi uma lamentação, que foi um dos maiores centros do do estado, certo... A dona Malvina foi a construtora, era sempre frequentada pelas autoridades. Apesar dela ter passado uma determinado época muito sofrida. Até com cavalaria entrando no centro dela para quebrar tudo. Entraram, mas ela conseguiu. Ela conseguiu persistir e depois o com a entrada do governador Esperidião Amin que clareou. Mas até aí ela passou muito trabalho, era a Dona Malvina aqui no continente, nesse tempo tinha da Dona Malvina, O Manuel fanho, tinha a dona Cristina, tinha a dona Didi, né? Que que era tudo ali no centro. Então havia a existência, a presença do Almas em Angola, ela foi mais ou menos mais ou menos por essa disputa, porque ficou o continente contra a ilha. Tá, então lá no lado de cá, Dona Malvina que dominava no lado de cá, de lá era a mãe Ida que dominava. Então, quando a dona mãe Ida, ela pegou e criou o ritual Almas de Angola aqui que se expandiu. E lá o pai Teles tinha o pai Teles e tinha o pai Evalde, o Evalde, o Pai Teles é por questão de já aquelas coisa boa que não que nós estava comentando de sobre a umbanda né? Aquela disputa, aquela aquela competição, separaram-se. O pai Evalde continuou, mas criou, acrescentou mais algumas coisas na Almas de Angola. E aí a Mãe Ida saiu das Almas de Angola e depois voltou para Almas de Angola. E apresentam feitura. Esses reforços que são feitos, foram criados pelo Pai Evalde. O título também foi criado por eles, mas na verdade, porque na Umbanda? A titulação ela não existe na realidade, Ela vai dar uma escala que nós determinamos, porque é que acontece. A essa escala foi o aprendizado, porque a feitura é destinada a você transmitir novamente outro para construir nova. Mas não para você..., digamos assim, para como prova de exibicionismo ou prova de comando. Então por isso que foram feitos toda tem a feitura de 7, 14 e 21. Tem esse essa guia que eu mostrei para vocês. Ela ela diz

que diz que eu já sou super, não sei onde é que esse inventaram, mas disseram que já sou, já passei de Tata e não sei mais o que. Mas continuo sendo apenas Ilson.

CAROL: Então a Almas de Angola foi se modificando?

PAI ILSON: É porque aí foi se alterando para o que aconteceu é o seguinte... Eu estive comentando com eles o seguinte, a entrada do capitalismo. Ela provou com isso aí, sabe? Se nós pudermos, se eu pudermos ter mais ou menos falar, isso é questão. O que aconteceu foi o seguinte. A Raça Negra, nós negros não tínhamos condições de manter porque a manter a humana acompanhando esse sistema. Quando você queria acender uma vela na Encruzilhada, você ia tranquila mesmo que mesmo apesar de se você ser questionado, era tranquilo. Hoje você corre o risco de acender uma vela na frente de uma casa. Você não tem como despachar ou fazer um despacho. Está faltando espaço. E com a entrada do capitalismo, houve essa, essa, essa possibilidade. Então houve essa, essa alteração e a umbanda? A umbanda teve outro problema, se a umbanda continua assim como ela era, tá, ela não tinha condições mesmo de sobreviver por causa da falta de espaço, a falta de comprometimento. A umbanda de ontem você tinha que ser umbandista. E não era ser umbandista, você tinha que ser médium, pouco conhecimento do próprio, da própria, da própria religião. Não tinha, não existia, tá? Você tinha medo do umbandista. Ele provocava medo, provocava a revolta, provocava uma série de situações. Hoje você já sabe que você pode ser umbandista. Você tem o direito de escolher.

WILLIAM: Quando o senhor abriu a casa aqui em 87, não é? É? Quando o senhor abriu, o senhor comentou um pouco que esteve em umbanda angola, mas assim em 87, quando o senhor abriu era Umbanda Almas de Angola? Como que ficou a situação?

PAI ILSON: Até hoje é a mesma coisa. Nós continuamos conservando as obrigações, que são: Anjo de guarda, Bori, Pai Pequeno e Baba. Tem quatro obrigações. Isso na Almas de Angola nós colocamos a obrigação de anjos de guarda porque é uma espécie de limpeza que nós fazemos antes do médium, antes da pessoa começar a fazer parte da corrente mediúnica.

AISHA: Fiquei com uma dúvida, o senhor falou que frequentou o terreiro da Mãe Lidia né, que posteriormente veio a ser do terreiro do Pai Leco e que eles passaram por algumas transformações de vertentes. Foram Almas de Angola e atualmente eles são candomblé. O senhor acompanhou essas transformações ou elas aconteceram depois que o senhor já havia saído?

CAROL: Então essa seria a diferença entre zelador e Pai de Santo?

PAI ILSON: Essa é a diferença. Pai de santo, desculpa tá, mas eu acho tão esquisita essa palavra, pai de Santo. Que pai de Santo primeiro pai, significa que eu criei alguma coisa. Eu não criei ninguém. Eu não consigo botar nenhum Santo do pau oco na cabeça de ninguém. Então não sou pai de Santo. Apesar de ser chamado, eu gosto, sim, de ser chamado de pai. Agora eu gosto de ser chamado de pai por aquele amigo, aquele aquele cara que está aqui à disposição, é isso que eu quero ser, não quero ser pai de Santo. Eu não quero ser pai, porque a primeira coisa eu acredito que foi um ato de confiança da tua entidade, quando ela te confiou a mim, tá? Eu acho que é uma responsabilidade grande. Então a tua entidade ela não te deu pra mim como propriedade minha. Eu não tenho nenhum poder sobre ninguém. Eu sou apenas o zelador, que tem que prestar coisa, se não tentar funcionar, a fatura vem.

WILLIAM: Agora, voltando a 87, é, queria pensar um pouco a história da sua casa. 87, eu imagino uns 36 anos de religião, de história. O senhor disse que tinha uma casa antes, mas a vinda para cá, para o bairro de Areias, como foi o processo da escolha? O senhor falou que teve muita participação da sua esposa e, mas por que vocês escolheram aqui? Essa comunidade, essa região?

PAI ILSON: Bom, vou te contar como aconteceu essa história. Em 1980 houve uma separação. Minha ex esposa agora já faleceu também em 1980, Eu casei com a atual esposa. Mas antes quando eu saí do centro lá da procasa eu continuei contactando com dois médiuns que trabalhavam lá. A médium da vó Catarina, que era a Isolette, e a médium da vó Luiza, que hoje é é crente, né? Eu acho quando ela me vê na rua, quando ela não sabe se me chama de pai, ou de seu Ilson. Aí quando chegou em 1985 nós ainda morávamos lá no Morro da Mariquina, no Tico Tico (22:30inaudível). E aí, o que é que aconteceu? Eu cheguei lá na rua da Mariquinha. Terminou o contrato da casa que nós morávamos e a mulher queria vender a casa. Mas mas só que o avô estava sempre com aquela ideia de quem queria fazer uma casa, continuar a casa. O vô sempre continuava. E tinha, nós andamos por ali tudo e tinha uma casa, pela metade do que a gente tinha do lado. Mas não deu certo, aí nós vimos um anúncio num jornal, anúncio de uma casa, anúncio de uma casa aqui na dona Adélia, pelo com o terreno e tudo. Portanto, naquela época, 6000, dinheiro para burro. E aí como eu trabalhava na Santa Luzia, que eu trabalhei no laboratório de Santa Luzia do período de 75 a 2002, nós só olhamos em 7 anos. E o amigo meu, que até hoje é meu amigo, ele pegou, demitiu eu e a eu e a minha esposa Maria Lapa para nós poder comprar essa casa aqui. Aí nós compramos aqui, fizemos aqui, começamos com a casa, já em 1985 ou 86, já quase 86, fizemos aqui a casa. Começou por perto do banheiro, depois foi para um quarto depois. Ele correu a casa toda, até quando ela ficou grávida do meu último filho, aí é que eu disse “não agora parou” agora não dá pra continuar o centro aqui em casa, tinha separar as coisas do santo. Era a coisa mais bonita cheio de pilares, meu amigo disse que quando desmanchou teve se que segurar porque eram muitos. E assim ficamos, e aí minha obrigação nós fizemos aqui nessa casa, nós fizemos em 88, a Angela que estava muito mal e nós trouxemos ela pra cá e fizemos em 1988 a primeira camarinha dela aqui. Aí depois veio a Isolete, porque essa casa há de se esclarecer que como eu tinha sido um bom menino, né? Não me deram a casa pra mim sozinho, botaram eu de sociedade com a Isolete, da Vó Catarina. Porque a Vó Catarina e a vó Luiza que insistiram para eu fazer a casa, ela olhou pra minha cara e disse “eu preciso de uma casa! e eu digo “eu também preciso”. Ai ela fez a casa e nós construímos ela e o nome do terreiro era para ser “vovó Congo Cambinda da África e Vô Catarina das Almas “. Mas só por não combinar, por incompatibilidade...

PAI ILSON: e aí nós dois não combinamos, os dois velhos combinaram mas eu e a Isolete não combinamos. Então foi aí que ela saiu e fez a casa dela lá no Monte Cristo e eu continuei com a casa. Então no dia 27 de setembro de 1987 foi oficialmente criado o centro de Umbanda “ Vovô Congo Cambinda da África” E a avó Catarina das Almas menina, a mulher já tinha sido demitida, já tinha sido demitida, e ela foi comandar a casa dela.

WILLIAM: O senhor tinha comentado quando a gente chegou que a casa conta com 60 médiuns

PAI ILSON: 63 médiuns

WILLIAM: Porque é bastante gente né, Queria que o senhor contasse um pouco como é que funciona?

PAI ILSON: Pois é, era isso que eu ia contar... Nós somos o seguinte, por medida de segurança estabelecemos para cada gira um cambono, ogan, eu e a Maria Lapa, nós colocamos 22 pessoas. Mas mediúns nós calculamos uns 18 e aí o que acontece, se nós 18 nos temos 45 para observar nós usamos esses 45 no desenvolvimento de quinta feira porque nós fazemos desenvolvimento toda quinta feira a partir das 19h. E nesse desenvolvimento nós dividimos em duas partes: uma turma 19h e outra turma das 20:30h. O número máximo é de 12 por cada turma, então se foram 12, são 24 mais 17 dá 41. E temos 4 giras então dá pra gente equilibrar.

CAROL: E como que é essa relação do centro com a comunidade?

PAI ILSON: Olha, eu posso dizer que eu sou privilegiado, tá? Eu, graças a Deus, não tenho. Para não dizer que eu não me incomodei, não tive problema. A primeira eu tive um problema que foi muito curioso, sabe? O meu primeiro problema foi curioso, porque uma vez umbandista que era umbandista também, mas continuava. Ela jogava mandava a filha jogar pedra No templo do centro dela, lá dentro de casa. . E aí um dia que ela jogou, foi curioso, sabe? Onde é que aquela menina jogou, aí eu conversei com o Vó e ele disse, “espera, pode deixar que ela vai dar a cobertura quando nós fizermos a casa”. E quando nos fizemos a casa ela deu a laje.. Tivemos outro problema com o vizinho ali de baixo, que que ele mandava, pagava a gurizada para jogar Pedra,Não é? Uma vez, aquela ali foi feio numa obrigação que nós fomos fazer, acho que foi nossa terceira camarinha, não é? Acho . Eu tava aqui rezando, uma Pedra caiu bem na minha frente, mais um pouquinho, batia na minha cabeça. Mas depois também, graças a Deus, esse tempo todo não tenho problema com eles. Tenho problema da minha vizinha que ela é alérgica a carro. Se você encostar, se você botar o carro no lado de lá, vai ser no lado de lá. Mas na frente do portão dela, ela passa uns carros, ela dá uma crise, ela sai berrando e ela sai berrando e ela xinga. Na frente, pode olhar, nem o lado de cá, nem o lado de lá. Não me bote cá. Quando eu vou, quando vem jantar aqui, eu digo, pô, amor de Deus, bota para cá ou bota lá para cima, que a mulher fica nervosa. Mas tudo bem, graças a Deus, a última vez eu, depois de velho, teve alguém que se incomodou com o barulho. Teve alguém aí veio, como nós não tinha a placa lá ainda, não estava com a placa ali, aí veio aqui, veio a polícia, chamou a polícia, a polícia veio aqui, falou, mas eu eu não, eu nem participei porque tinha um rapaz ali para resolver, ta fazendo barulho? e ai eu fiz o seguinte, estava fazendo barulho então vamos fazer o seguinte: começamos as 19h terminamos as 22h e não nos incomodamos. Estou muito velho para estar me incomodando com gente. E as pessoas, se você pensar bem, não é, não é, não é legal você ficar ouvindo, é bumbum, bumbum até tarde da noite, gente, você, porque você tem, você trabalha, você estuda, você tem tempo, né? Chega no final de semana, quer descansar, quer ver uma televisão, quer ver alguma coisa e fica aquele 3,4 tambor batendo nos ouvidos. Olha, gente, não é fácil não. Entendeu? Então a gente faz assim.

AISHA: E para além desses momentos que o senhor comentou, houve mais algum momento marcante aqui no terreiro?

PAI ILSON: Teve algum momento marcante? Todo dia é uma grande novidade. É que eu sou um grande apaixonado. Olha esses dias eu ainda estava rindo, semana passada, dia 18, e fiz uma última Mãe Pequena e parecia assim que eu estava começando, tamanha emoção que a gente sente. Você gosta, você aprende a gostar, você aprende a sentir. A umbanda, como eu disse que sou suspeito para falar, mas a umbanda é simples. O problema é que ninguém conhece, ninguém quer conhecer. Porque não interessa... Vocês me desculpem o desabafo, mas não interessa para

muita gente conhecer a umbanda. Porque ela virou negócio, esse é o grande problema da umbanda, é que não querem, ou a maioria não quer, e ela virou como meio de vida. Ela sustenta famílias, tanto legalmente como ilegalmente a indústria da feitura...

Interrupção por barulho externo

PAI ILSON: Então só pra terminar o espaço... Então, A indústria da feitura ela gerou emprego, gerou renda e não é negocio. Não é negocio eu dizer para ti que tu é capaz de resolver seus problemas sem precisar de espírito, não é negócio não. Tu vem aqui e acende uma vela, aquela vela vai funcionar de acordo com a tua vontade se tu pensar positivo e com generosidade a vela vai funcionar, se não ela não vai funcionar. Eu te digo se tu acender muitas velas você ganha na loteria, a pessoa vem com quinhentos pacotes, porque eu preciso de ti, preciso te iludir, preciso te enganar. Esse é o grande problema, então para que a umbanda vai se organizar? Se temos aí a Carta Magna, não sei se vocês já ouviram falar, mas a carta magna é documento que podia ser o fiel da balança, mas não vai sobrepor-se, porque não interessa. Briga-se por cliente, briga-se por médium. Os profissionais de feitura vivem disso, gente.. E eles não querem perder isso aí. Eu até, só a última pra não incomodar vocês, só que o seguinte, eu fiz uma pergunta que ninguém me respondeu. Se hoje você pode se aposentar como benzedor ou pai de santo, e cadê a regulamentação dessa profissão? Uma profissão que ninguém manda? Você quer abrir uma casa de santo? Quer abrir uma casa de santo? Vai lá na prefeitura! Vai ali, pega um papel, vai lá na prefeitura, paga e acaba! Abre a casa de santo, fechou!

WILL: É um pouco o que o senhor estava comentando quando a gente chegou, né? Sobre a questão da que o senhor falou, a umbanda queria que fosse uma religião, né? Nesse sentido, né?

PAI ILSON: Como é?

CAROL: O senhor falou que queria que a umbanda fosse uma religião nesse sentido, né? De ter uma?

PAI ILSON: Exatamente o que falta para Umbanda, gente, é organização. Coerência. Um dos grandes problemas da umbanda é a incoerência. Você diz uma coisa e faz outra. Você diz que você acredita. Faz, eu vou, eu faço você acreditar que umbanda faz mal para alguém quando ela não faz, Nem ela não faz mal nem para uma pulga quando é para uma pessoa humana. Mas eu tento dizer para você que eu sou poderoso, isso tudo, gente, não deixa umbanda ser entendida, aceita com religião, é para solucionar meus problemas. Eu estou de mal com ela, eu vou lá fazer um fazer um trabalho para ver se ela quebra a perna e eu vou procurar o quê? A umbanda. alguém para quebrar a perna? Está ela vai me, ela vai. Eu vou te procurar, vai me fazer um trabalho para quebrar a perna dela e eu já vou dizer para eu vou dar um jeitinho dela saber que eu fiz um trabalho para quebrar a perna dela. Tem mais esse detalhe, tu tens que plantar semente na nela para funcionar. E a umbanda só vai funcionar como uma religião o dia que ela. Aquela sim, se aquela se respeitar, ela deixar de ser apenas umbanda de cada um, mas a umbanda de todos.

CAROL: É, deixa eu ver. O que mais que a gente pode perguntar aqui, não é? O que é que significa para o senhor ser um zelador de Santo?

CAROL: É, deixa eu ver. O que mais que a gente pode perguntar aqui, não é? O que é que significa para o senhor ser um zelador de Santo?

PAI ILSON: Que é que significa? Zelador de Santo? Isso significa primeiro, Ah, tentar, corresponder. Eu Acredito como a confiança depositada pelas entidades em mim, tá? Eu acho que quando a Entidade traz o médium para aqui, para mim cuidar dele, é porque a Entidade pode confiança. Eu tento, eu tento. Claro. Eu tento corresponder essa confiança. Mas para mim é tudo a Entidade Pra mim é tudo um preto velho, um caboclo, um Exu, seja ele qual for, para mim é tudo eu. Eu simplesmente entendo da seguinte forma, eu entendo que a Entidade é algo superior e eu e eu estou a serviço da entidade. Eu estou a serviço da entidade, não é a Entidade do meu serviço, é assim que eu vejo.

AISHA: Aí ela estava olhando as fotos, né? As fotos ali, nos documentos também, que tem pessoas de de diversos jeitos que frequentam a casa, né? Aí se o senhor pudesse falar um pouquinho sobre a a diversidade das pessoas que que frequentam aqui a casa? Como foi ao longo dos anos...

PAI ILSON: Olha, é assim, ó, eu digo que às vezes aqui é uma casa de passagem, tá? Nós temos muita rotatividade. Graças a Deus. Acho que muita rotatividade, sabe? Por exemplo, nós estamos registrados, não é? Nós estamos com nós estamos já no nesse que passamos a registrar e passamos, já estamos com 209, 250 pessoas, quer dizer. Então, claro que não desse aí só para fazer uma ideia que mais ou 180 passaram e já foram. Mas de todo o tipo, sabe mais mais o que mais tenho. O que mais eu tenho de trabalhar é alcoólatra. Tem muita gente que passou por alcoólatra e problema também que que muito acontece. O problema de como é que eu vou dizer para vocês, de autoestima, é muito trabalhoso. Sabe a gente? Porque as pessoas chegam aqui com a certeza que vão resolver problemas, por isso muitas delas vão embora. Porque a primeira coisa que eu digo para aquela pessoa é que eu não vou fazer milagres, a mesma coisa que eu digo, gente, não vai acreditar que eu vou chegar perto de um preto velho e ele vai resolver o meu problema. Não vai? Eu não. Eu não posso dizer para ti que vai acontecer isso, que não vai, gente. É uma é, é um sistema todo que funciona, é, é, sentimento, não é, não é eu querer, é o sentimento. Eu aprendi a me entregar, eu aprendi a acreditar e a confiar. Eu tenho que aprender a confiar em mim mesmo porque eu sou livre. Eu tenho direito a escolher meu caminho e quando eu digo e outra coisa que paga, as pessoas não gostam de ouvir. Quando eu digo que ninguém é obrigado a ser a ser médium, ninguém é obrigado a ser umbandista, ninguém é obrigado a ser umbandista, é uma opção. Que embora, aí vem outro detalhe, que, embora os nossos ancestrais, os nossos ancestrais insistem que isso não vai para a fé, se não vem pela fé, vem. Se não vier pelo amor, vem pela dor. Isso não existe. Não existe. E se eu não acredito na divindade Suprema? Se Eu Acredito em Deus, só acredito no Deus do amor e passo se a como é que eu vou dizer que existe um Deus que me obriga a fazer o que eu não quero? Não é incoerência, você me fala a verdade, não é? Não é incoerência. Só digo que Deus, Deus me deu livre arbítrio, mas eu tenho que ser médium, ó, espera aí, e se eu não quisesse? E principalmente, o exercício também de mediunidade, que é algo muito sério, que ela exige uma ligação, ligação médium e espírito é através do pensamento. Se eu não tiver com o meu pensamento voltado, não vai dar. Então como é que eu vou dizer que eu vou ser obrigado a ser umbandista.

CAROL: E o fio de contas? O senhor que falar sobre?

O fio de contas, esse é bonito, ele é o fio de contas de ontem era peito de de barra rosada, de nossa senhora de osso e de Pedra, né? Hoje, não, hoje, hoje, hoje você é um fio de conta desse aqui que é. É simples, né, bem simples. Esse aqui você, você agora, você usa cristal ou louça, né? Ali, então já o fim de quando ele tem uma representação ou ele o objetivo dele é proteger o fim de quando ele é como se, por exemplo, quando você estivesse usando uma camisa de aço para para receber o impacto da energia negativa. O trabalho dele é esse aí, entendeu? E porque, que? Porque que nós temos várias contas? Perguntamos, as cores são de acordo com a gente, com as entidades, nós já vem outra coisa aqui que você já vai dar de conta mesmo. Me ensinaram que o branco é de oxalá, o lilás, o roxo é de de Nana, o vermelho é de ogum, o verde é de oxóssi, o amarelo é da Iansã, o marrom é do Xangô. Está agora? Não agora, já, já mudaram. Agora eu já tenho uma mudança também. Mas isso tudo faz parte da alteração.

AISHA: E assim a gente vai encaminhando agora para o final. Não é assim da da final, não sei se pessoal. É quando o senhor falou sobre alguns preconceitos que se tem acerca do dos terreiros, né? cavalaria que se tinha entrado no terreiro, é aí para falar comentário do do governo do Amin. Aí pensando assim, nessa ligação do terreiro com o estado, é quando a gente fala de política, política pública com o terreiro. De que forma o senhor acha que o terreiro está dentro da sociedade, conversando com quem faz a política? Sabe assim?

PAI ILSON: Olha, eu tenho... Eu sou eu sou um bem chato com essa questão. Política e religião não vai dar. Está quando você está lutando, quando você está lutando contra a desigualdade, quando você escuta a essa questão de desigualdade, intolerância, essa questão é a luta pelo poder. No fundo, o resumo todo é a luta pelo poder. E eu acho que a política dentro da religião não vai dar certo. Porque o político, ele tem um objetivo, ele quer conquistar o poder. Olha, tem uma coisa que eu lhe detesto. Posso falar até essa palavra feia mesmo. Eu não gosto de quando tem gente política ou gente de uma melhor posição social dentro de da minha casa, porque há aquele que tem uma posição, como é que? Como é que diz uma situação? Socioeconômica bem melhor. ele quer dominar. Esse é o problema! Por exemplo, se você pegar a faxineira, pegar aquela outra, a cozinheira pegar aquela, disser assim, vamos limpar o chão, ela vai limpar o chão. Mas se você tem um, doutor, um advogado ou alguém de uma de uma situação socioeconômica, melhor, Ele vai pagar para aquele lá, ele não vai fazer ou ou você já não não notaram essa questão? Ele não vai se misturar. Tanto que hoje nós temos casas que são verdadeiros templos, não tem mais o centrinho, o centro, não tem mais assim, pouco não é. É templos não é? Tem que, imagina como é que um preto velho analfabeto a escravo? Ele vai se chegar dentro de um de uma casa, trabalhar numa casa onde está o tapete, para falar a verdade, tem um tapete vermelho que ele não pode nem nem nem bater o cachimbo dele. E aí você encontra o preto velho sendo modelado, que falta faz, vocês não sabe como faz falta aquela palavra amiga daquele preto velho. Aquele Preto Velho que dá o conselho, que consola, que bota no colo, que ensina remédio, isso está acabando.

WILL: Olha, agora acho que no final a gente tem duas perguntas finais assim, mas a outra, a primeira, né, é. De tudo isso que o senhor nos contou, de todas essas histórias que o senhor nos

contou, tem mais alguma coisa tipo que o senhor gostaria de compartilhar para deixar registrado? Né? Seja da sua caminhada, seja da sua própria caminhada, da história da umbanda.

PAI ILSO: Tem sim. Eu devo tudo. Na umbanda. É assim que o pessoal, como eu, disse para vocês, não é? Eu de hoje, se eu estou aqui, agradeço se a assim um perfume, o caboclo tupirani, ele me deu uma foi assim, algo muito sério. Caboclo tupirani que é, foi um médium que o Seu Serra Negra que desenvolveu, por sinal foi desenvolveu. E quando ele fez uma casa bem naquele meio período que eu estava, que eu estava na festa, ele chegou. E ele fez a casa E disse, pediu, mandou, deu o recado para o médium dele que eu tinha que iniciar aquela casa para ele. Quando o médium chegou lá, quase caí duro, não é? Não quase cai duro porque eu eu olhei, ele chegou, ele chegou para mim, E, por sinal ele ele chegou para mim, eu estava trabalhando, ele trabalhava no Inamps. Ele chegou a olhar para a minha casa e disse assim serviu se. O seu tupirani mandou fazer uma casa, mas ele quer que o senhor vai tocar. Ele tá louco? Não, a minha frente tá louco. O amigão, uma fossa tá mais limpa do que eu. Como é que eu vou fazer isso? Ai, ele disse desse, deu esse recado. Mas como eu sou aquele cara que diz que se alguém me pede alguma coisa, eu vou e tento fazer. Eu fui tentar fazer mesmo. Ai, meus amigos, eu fui tentar me limpar, Eu eu passei, eu, o resultado foi eu fazer a minha, a minha limpeza sozinho. E não tive uma pessoa para me ajudar, a não ser a minha ex-mulher que me ajudou, que ficou lá olhando por mim. Então, ao Tupirani esse caboclo, , devo também daqui, se não fosse ele. E a pessoa, talvez mais importante, tão importante quanto para a minha, para a minha esposa, Maria Lapa, foi uma pessoa assim, que é tudo faz parte. Ela é tudo o que eu tenho ela e o centro.

CAROL:

Está bom? É a gente, como o Will falou, encaminhando para o fim. Quero saber. A gente quer saber, né? Porque que o senhor aceitou participar da nossa entrevista?

CAROL:

Está bom? É a gente, como o Will falou, encaminhando para o fim. Quero saber. A gente quer saber, né? Porque que o senhor aceitou participar da nossa entrevista?

PAI ILSO: Porque eu precisava falar. É que eu não falo. É que eu tinha sempre essa vontade. Como eu disse para vocês, eu vejo uma umbanda mais usada do que amada. Eu sou um sonhador, sabe? Eu acredito que um dia a umbanda vai ser melhor. Eu acredito, eu sei que vai! Mesmo que as pessoas não queiram, mesmo que as pessoas não façam, ela vai ser. Tá bom?